

COLECIONANDO ORQUÍDEAS, COLECIONANDO O BRASIL (1930-1950)

Valéria Mara da Silva¹

RESUMO:

Este artigo analisa os debates acerca do colecionismo de orquídeas no Brasil a partir da década de 1930, utilizando para tanto os escritos de amadores e profissionais, publicados no periódico *Orquídea*. Abordamos as condições que deram maior evidência a essa atividade no cenário nacional, os sentidos atribuídos as orquídeas, bem como as práticas que visavam reconhecer a flora orquidácea como riqueza nacional e patrimônio.

PALAVRAS-CHAVE:

orquídeas, colecionismo, amadores, *Orquídea*, Brasil.

Collecting orchids, collecting Brasil (1930-1950)

ABSTRACT:

This article analyzes the debates about the orchid collecting in Brazil from the 1930s, using both the writings of amateurs and professionals, published in the journal *Orchid*. We approach the conditions that gave greater evidence of this activity on the national scene, the meanings attributed to orchids, as well as practices aimed at recognizing the Orchidaceae flora as national wealth and heritage.

KEYWORDS:

orchids, collecting, amateur, *Orchid*, Brazil.

¹ Pós-doutoranda PNPd/Capes, Programa de Pós-graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

A elaboração de um discurso de defesa da flora orquídea nacional fundamentou a criação de várias sociedades de amadores de orquídeas pelo Brasil em fins da década de 1930. Impulsionadas pelo ideário difundido pela Sociedade Brasileira de Orquidófilos (SBO)², os colecionadores noticiavam suas estratégias em jornais correntes e no periódico que tornou-se porta-voz do movimento: a revista *Orquídea* (1938-1974)³. Seu principal objetivo, nas palavras do editor Luys de Mendonça e Silva (1903-1974), era de “vulgarizar” os conhecimentos sobre a vida das orquídeas, especialmente as brasileiras e suprir a escassez bibliográfica.

Se por um lado, as questões do trato cultural das espécies eram parte do conhecimento necessário ao amador; por outro, um tipo de colecionismo “ideal” e a manutenção das coleções vivas eram tema de debate. Esse artigo analisa como tais homens exploraram espaços científicos, políticos e da imprensa para consolidar seu gosto pelas orquídeas; ou seja, como projetaram tal gosto e viabilizaram sua emergência para a cultura.

O ato de exibir as coleções de orquídeas implicava na educação dos sentidos; instruir a população quanto a biologia das espécies e ainda a questões que povoavam o imaginário; a primeira delas era, certamente, a má sorte associada as orquídeas.

O botânico Frederico Carlos Hoehne (1882-1959), estudioso da família Orchidaceae e diretor do Instituto de Botânica de São Paulo, produziu dezenas de artigos de divulgação científica ministrando ensinamentos que buscavam rechaçar as interpretações errôneas quanto ao parasitismo das espécies:

O Brasil é a terra das mais belas e raras orquídeas. Mas, bem escassos são os patrícios que sabem tirar proveito delas. Digamos, sem rebuços, a grande maioria de nossa gente nem ao menos sabe o que vem a ser uma orquídea. As “Rainhas das Selvas”, que, na Europa, América do Norte e Índia e outros países, são cultivadas com o maior desvelo e carinho, recebem, em nosso país, de nossos patrícios, o apelido de “parasitas”. Pelo fato de viverem sobre as árvores são consideradas parasitas. E, como os parasitas, gozam má fama, as Orchidaceae são tidas como portadoras de azar. Isso está errado. Para honra de nossa cultura intelectual, essa maneira de classificar precisa desaparecer. Ela depõe contra nosso adiantamento. Vamos abolir tamanho absurdo. Se a Orquídea é parasita porque vive sobre uma árvore, então também o homem que monta um cavalo é parasita. Aprendamos a chamar essas belas plantas pelo seu verdadeiro nome, para o estrangeiro que nos ouve, não nos considere tão ignorantes, a ponto de não sabermos distinguir entre uma parasita e uma simples epífita. (Hoehne, 1928: 03)

Além dos aspectos didáticos referentes ao tema, uma grande multiplicidade de sentidos e valores eram atribuídos às orquídeas. Vista como “moda patriótica”, flor de formas aristocráticas e singulares, eram dignas de representar o país no exterior, a exemplo da “Exposição Internacional de Flores Tropicais”, evento anual ocorrido na cidade de Miami (USA).

Nos anos de 1933 e 1934, a empresa aérea Panair⁴ explorou longamente sua expertise no transporte de orquídeas. Segundo uma matéria publicada na

2 A Sociedade foi fundada em 11 de setembro de 1937 com o nome de Sociedade Fluminense de Orquídeas. Uma reformulação nos estatutos, em 1948, alterou a denominação para Sociedade Brasileira de Orquidófilos.

3 Ver um histórico mais detalhado da SBO e da revista *Orquídea* em: SILVA, Valéria Mara da. Educando homens para educar plantas: orquidofilia e ciência no Brasil (1937-1949). Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em História, Fafich/UFMG, 2013.

4 Panair do Brasil S.A., subsidiária da Pan American World Airways.

Revista da Semana, o transporte seria gratuito para os expositores brasileiros destacando o armazenamento adequado em tubos de vidro “especialmente adequados para a remessa”, bem como as perfeitas condições nas quais as flores chegavam para “deliciar milhares de curiosos”, a despeito das longas distâncias (Revista da Semana, 1933: 27). O Correio da Manhã, destacou a participação do “Estabelecimentos Binot, de Petrópolis; Alfredo Uripia, da Bahia; e C.M. Holmes de Rezende” e referiu-se à ausência das instituições brasileiras, a exemplo do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o Orquidário de São Paulo (Correio da Manhã, 1934: 05).

Outro exemplo da representatividade das orquídeas, a Exposição de Orquídeas Brasileiras, realizada em Buenos Aires no ano 1936, partiu da iniciativa do então Ministro da Agricultura, Odilon Braga; e organizada por Paulo de Campos Porto (1889-1968), botânico e diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Colecionadores particulares, beneméritos de diversas partes e instituições realizaram doações, com destaque para a vultosa contribuição do Parque Indígena (Santos/SP) e seu administrador, Júlio Conceição (1861-1938).

O evento foi uma resposta diplomática do Brasil para com o governo argentino. Na IX Feira Internacional de Amostras, realizada no Rio de Janeiro, o Pavilhão da Argentina vendeu todos os laticínios e doou a renda para as instituições de caridade da cidade; o mesmo seria feito com as orquídeas levadas a Buenos Aires. A meu ver, é possível conjecturar um interesse comercial por parte do governo brasileiro, pois a Argentina já era um grande mercado consumidor de flores nesse período, especialmente de corte. Entretanto, não havia tradição no cultivo de orquídeas.

Os jornais do Espírito Santo publicavam com frequência artigos sobre a exportação de orquídeas, sua importância para a economia do Estado e as oportunidades abertas pela expansão da aviação comercial, especialmente os projetos de comércio com os Estados Unidos (Diário da Manhã, 1937:01). Em várias ocasiões, a imprensa reforçou o papel das orquídeas como símbolo de projeção nacional no exterior.⁵

Entre as outras perspectivas, estava a ênfase no colecionismo como atividade democrática e acessível. Assim, a orquidofilia mostrava-se como aptidão natural dos brasileiros, pois esses tinham uma enorme diversidade de espécies para formar coleções vivas. Essa visão territorialista, pautava-se no conhecimento de determinadas regiões e na convivência dos indivíduos com espécies endêmicas, forjar através das relações estabelecidas com um lugar o reconhecimento de uma herança natural e patrimônio a ser preservado.

É importante ressaltar que tais sentidos coexistem nos discursos. Ao mesmo tempo em que a pujança vegetal era louvada, o longo processo de espoliação da flora por parte de estrangeiros e nativos era exposto. O Brasil, destino frequente de colecionadores, coletores e estudiosos, principalmente ao longo do século XIX, supriu coleções vivas e científicas de vários países.

Mesmo que os orquidófilos envolvidos nesses debates obviamente possuísem suas coleções privadas, os usos e a defesa de um pretensão “território das orquídeas” resultou em propostas mais amplas de conservação das matas e criação de parques nacionais. Nesse sentido, a SBO buscava uma atuação mais próxima da administração colaborando com os Conselhos Florestais. Tomando como exemplo o artigo sobre “colheita, trânsito e comércio de orquídeas” do Estado do Rio de Janeiro, a Orquídea convocou todas as sociedades do país para debater o assunto e criar uma regulamentação comum para todos os estados,

⁵ Privilégio nesse artigo eventos da década de 1930, mas existiram iniciativas esparsas de divulgação das orquídeas em outros momentos, como na Exposição Nacional (1908) no pavilhão da Sociedade Nacional de Agricultura.

pois, salvas as características regionais da flora epífita, uma padronização das normas seria mais “proveitosa à coletividade”.

As orquídeas, como outros recursos naturais, foram pauta das políticas governamentais da década de 1930. Em 1934, o Código Florestal, Código de Águas e Minas e a Lei de Expedições Científicas foram promulgados. Acrescenta-se ainda o Código de Caça e Pesca formulado pelos cientistas do Museu Nacional, Candido Mello Leitão (1886-1948), Alberto José de Sampaio (1881-1946), Edgard Roquete-Pinto (1884-1954). No ano seguinte, 1935, por designação do Conselho Florestal Federal, o botânico Campos Porto foi indicado para participar da elaboração do anteprojeto da lei relativa à exportação de orquídeas. De acordo com artigo único do decreto de 14 de novembro:

O Ministério da Agricultura mandará fazer, com urgência, um estudo sobre a exportação para o estrangeiro das plantas orquidáceas, a fim de propor à Câmara dos Deputados, nas sessões de 1936, um projeto de lei contendo medidas que regulem a referida exportação e evitem a devastação que está sendo feita, com grandes prejuízos para o país (RODRIGUESIA, 1935:88).

A circulação interna de orquídeas já era normatizada pelo Código Florestal Federal. Segundo o artigo 30, “o comércio de exemplares da flora epífita, não será exercido sem autorização prévia da autoridade florestal, que fiscalizará a origem dos exemplares à venda” (Código Florestal, 1934, art.30). A disposição se referia aos espécimes colhidos em florestas particulares e de domínio público, destacando ainda que uma tributação especial para o comércio de exemplares considerados raros.

Em 1935, o jornalista e secretário da Presidência do Governo Getúlio Vargas, Otto Prazeres (1887-?)⁶, escreveu um artigo onde “elucidava e justificava” o projeto de regulamentação. Seus argumentos buscavam inserir as orquídeas no rol das riquezas nacionais: “as orquídeas são ouros de todas as cores, ouro que maravilha, ouro que encanta, ouro único perfumado” (PRAZERES, 1935: 05). Todavia, a recepção do projeto não foi positiva. O mesmo jornalista retornara ao periódico para defender a intervenção do Estado. Na ocasião, indicava as vozes autorizadas a se pronunciarem sobre o assunto, ou seja, os cientistas:

Porque todos quantos conhecem um pouco do assunto, como quantos a estas horas se encontram à frente de orquidários criados em São Paulo, Minas, Pernambuco e Espírito Santo, verificam que foi feita, no Brasil, uma verdadeira devastação e que algumas espécies, antigamente encontradas com abundância são hoje raríssimas. [...] A lei não visava proibir a exportação, nem continha, repitamos, nenhuma medida concreta, limitando-se apenas a criar uma comissão que estudasse um meio de resguardar algumas espécies brasileiras, únicas no mundo, outrora muito abundantes no nosso país e hoje dificilmente encontradas. Não poderiam proceder com maior cautela os que há dezenas de anos conhecem o assunto- orquídea; e frequentemente, leem o que se passa no mundo em relação à cultura dessa flor, acompanhando com carinho as publicações brasileiras e as queixas constantes dos que conhecem, por experiência própria, quanto o Brasil foi e continua a ser prejudicado (PRAZERES, 1939: 05).

As relações e o apoio de instâncias do governo aos amadores pode ser percebido nas páginas da Orquídea. Além dos agradecimentos aos interventores de Estado pelo uso da Imprensa Oficial (RJ), colaborava como desenhista do

⁶ Otto Prazeres foi secretário interino da Presidência da República, colaborador da revista Cultura Política e membro da Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais do Ministério da Justiça.

periódico o pintor e cartofilista português Manuel Mora (1884-1956), conhecido pelas capas e ilustrações da Revista da Semana, O Cruzeiro, Parc Royal e como colaborador do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), durante o período do Estado Novo, ilustrando grande parte do material de propaganda do governo Getúlio Vargas.⁷Em 1948, a revista obteve o apoio do Ministério da Agricultura e do Serviço de Informação Agrícola que passaria a editá-la. O órgão também cedeu um técnico para prestar serviços à SBO.



Imagem 1: capas da revista Orquídea 1938 (vol.1,n.1) e 1947 (vol.10, n.2)



Imagem 2: orquidário Silva Pinto, SP.

⁷ A Orquídea agradeceu ao DIP por autorizar Manuel Mora a confeccionar a arte para os cartazes da 2ª e 4ª Exposição Nacional de Orquídeas (RJ, 1943 e 1946, respectivamente). No biênio 1950-1951, o artista consta como membro da diretoria da SBO na função de desenhista.

Não há dúvida de que as opiniões de amadores, cientistas e do governo convergissem em alguns pontos, ou seja, o estímulo ao colecionismo traria benefícios à nação. Para os amadores, as coleções e seus guardiões seriam os particulares e instituições científicas. No caso das coleções privadas (Imagem 2), argumentava-se serem o “melhor abrigo” para as espécies nacionais, devido a uma “incorporação racional”, em conformidade com métodos preestabelecidos. Esse tributo diferenciava os verdadeiros orquidófilos dos colhedores de orquídeas para fins comerciais – chamados genericamente de tiradores – que procediam tiradas contínuas e desorganizadas.

Os recursos utilizados pelos brasileiros, “machado e fogo”, verdadeiras ameaças, eram mencionados, constituindo-se em razão para as demandas junto aos poderes públicos no sentido de preservar a flora por meio da criação de reservas, parques florestais ou orquidários. Diversos números da Orquídea traziam o mote “todo bom brasileiro e verdadeiro orquidófilo, deve lutar com todas as suas forças para impedir a devastação criminoso e sistemática das nossas reservas florestais”.

Em 1940, um grupo de amadores percorreu os municípios Campos, São Fidélis, Madalena, São Sebastião do Alto, Trajano de Moraes e Macaé no Rio Janeiro. Embora, o discurso da racionalidade tentasse respaldar a coleta, não deixa de causar impacto o total de 7989 touceiras de diversas espécies. Esse volume previa os insucessos decorrentes da mudança de ambiente. Colhidas sem flor, as orquídeas precisavam florescer para serem determinadas. Divulgada em um artigo, a coleta diferenciava-se por seus objetivos; realizada por homens atrelados a um ideal científico, cujo produto seria entregue ao Horto Botânico de Niterói.

Por outro lado, é preciso ponderar que a classificação é norteadada pela abundância de material coletado necessário para comparação. Conforme aponta o botânico alemão Rudolf Schlechter (1872-1925): “seria desejável que os amadores e colecionadores do Brasil enviassem material bem abundante das diversas espécies, pois, é indubitável que ainda existem muitos tipos novos para descobrir” (Schlechter, 1945:92). Em contato com colecionadores brasileiros, como Albino Hatschbach (1890-1974)⁸, Schlechter se referiu aos exemplares bem preparados e abundantes, quase todos permitindo identificações. Nesse sentido, a coletas realizadas por um amador pressupunham a confiança por parte do botânico na recolha de dados.

A confluências de olhares sobre a flora orquidácea nem sempre resultou em contribuições coletivas da parte dos amadores para instituições científicas. Em 1939, a SBO almejava “trabalho preparatório para o levantamento de uma carta relativa a distribuição geográfica das nossas orquidáceas” (Orquídea, 1939:05). Por vezes, as atividades de campos - caçadas de orquídeas, no vocabulário dos amadores - tinham seu produto destinado a hortos botânicos. Contudo, não identificamos continuidade nas ações de orquidófilos cujo produto de recolha fosse submetido a um profissional. O mais comum eram empréstimos de exemplares de coleções particulares para estudiosos, o que pode ser observado em agradecimentos e homenagens. Porém, como lembra Anne Secord, decisões baseadas em agradecimentos dificultam para os historiadores superar o papel de amadores apenas como fornecedores de informações locais para os botânicos (Secord, 1996).

⁸ Schlechter mantinha contato com Albino Hatschbach Sobrinho (1890-1974), residente em Curitiba (PR) que atuou como seu correspondente e coletor. O material de herbário fornecido resultou em uma lista de espécies publicada em 1925 pelo botânico.

A necessidade de mapear a flora do país era um problema central para Hoehne e Sampaio, ambos os botânicos eram membros honorários da SBO e colaboradores da Orquídea. Conjecturavam os fins práticos de tal conhecimento para a agricultura e outros setores da economia nacional. Hoehne afirma que as orquidáceas mereciam pesquisas econômicas, pois, essas plantas se encontravam no centro de jogos de interesses econômicos e científicos.

Com disposição semelhante para os trabalhos de divulgação, Alberto Sampaio publicou na Orquídea, a partir de junho de 1939, um curso de Iniciação em Sistemática de Orquídeas. Ao longo dos números posteriores, o botânico escreveu artigos em “linguagem corrente”. Entre suas indicações, que orquidófilos fizessem desenhos das plantas, pois, “o desenho de uma planta é a melhor forma de análise e registro dos caracteres morfológicos, entre os quais figuram os chamados caracteres diferenciais” (SAMPAIO, 1939:156).⁹ A confecção dos desenhos não necessitava do apuro artístico, valia por seu caráter analítico, um “memorial de comparação”. Embora, acredite que uma significativa parcela dos orquidófilos não se interessassem por sistemática, devido à preferência por espécies ornamentais, o botânico incentivava o exercício da ilustração, pois, adquirida a habilidade de desenhar e ler os desenhos esse serviço seria compartilhado com outros iniciandos.

Os profissionais buscavam imprimir nos amadores tanto uma sensibilidade quanto os recursos para lerem, mesmo que sutilmente, a paisagem e, especialmente, as orquídeas que os cercavam. Em artigo publicado na Orquídea, Hoehne descrevia a diversidade e o consequente equilíbrio biológico das orquídeas:

A dispersão geográfica das orquidáceas não escapou aos citados propósitos e planos da natureza. Ela as distribuiu justamente como precisam ficar para atender as suas necessidades. Dissemos que elas aparecem no solo seco das caatingas e cerrados, com apertos para vencer as imposições do clima e carência de chuvas, bem como a ação dos incêndios que tudo devastam anualmente. Elas surgem igualmente nos alagados sem se afogarem no excesso de água que cobre parte dos seus órgãos vegetativos; e aparecem nas escarpas rochosas como sobre as árvores. (HOEHNE, 1940: 160)

Nesse trecho, traduz aspectos fisiológicos das plantas, ou seja, como as orquídeas eram encontradas em formações xerófilas e subxerófilas (caatingas e cerrados), higrófilas (com umidade e precipitações abundantes, por exemplo, a Serra do Mar). O botânico cogitava um mapa fitofisionômico do país conjuntamente com o estabelecimento de reservas florestais. Do mesmo modo, recomendava que o conhecimento sobre as orquídeas carecia da instalação de orquidários padrões para cada região (em MG na região serrana, em SP na região litorânea e no interior, etc).

Outra questão debatida, e das mais acirradas, foi em torno dos híbridos em relação as espécies nativas. Os motivos das críticas eram dos mais variados, além dos preços elevados de alguns espécimes, outros simplesmente não eram considerados belos.¹⁰ Ministrando conselhos aos novatos, um editorial alertava a

⁹ Exemplo semelhante de divulgação, é *Phytogeografia do Brasil*, resultado de um curso dado, em 1932, no Museu Nacional e publicado no *Suplemento Ilustrado do Correio da Manhã* em 1933. Embora fosse repleta de referências a autores estrangeiros e nacionais, a composição dos textos primava por exemplos de plantas úteis, referências a artigos publicados em jornais diários e outros periódicos como a revista *Chácaras e Quintais*.

¹⁰ O processo de hibridação também ocorre de forma natural. Na natureza, os agentes polinizadores ao transportarem pólen podem levar esse material de uma espécie para outra, quando ocorre a fertilização de uma espécie pelo pólen de outra, o resultado são híbridos naturais. De acordo com o botânico neerlandês, Johannes Paulus Lotsy (1867-1931) os cruzamentos naturais seriam a principal causa da variação das espécies.

mística em torno dos híbridos, alguns de comprovada beleza e outros inferiores em relação às espécies cruzadas. Advertia que as orquídeas nacionais mereciam cuidados preferenciais em detrimento às híbridas e exóticas. Nossas plantas “trazidas do mato” competiam em igualdade com espécies de todo o mundo.

Em outro momento, um editorial intitulado “Protejamos as nossas espécies” sugere que a relação cotidiana com as orquídeas nativas paradoxalmente “vulgarizava” a beleza. Como resultado, um interesse exagerado pelas formas híbridas, em detrimento das espécies brasileiras (Orquídea, 1948:99).

No caso específico da importação de espécies exóticas, os dados são escassos. Em 1941, a Orquídea publicou as estatísticas fornecidas pelo Serviço de Defesa Sanitária Vegetal de São Paulo. No período de cinco anos (1936-1941), 5.885 plantas entraram no capital do Estado. Os dados dispostos em um quadro continham: a procedência e o destino, se para um amador ou profissional, sendo a maioria dos exemplares procedentes da Colômbia e Índia.

Devido à oferta de híbridas no mercado, as práticas de campo, valorizadas por seu apelo de aventura, descoberta e observação *in loco* das espécies, estavam ameaçadas. Sua difusão imprimiu uma mudança na educação dos gostos:

Atualmente estamos acostumados a ver quase que somente híbridos e assim nunca observamos uma espécie como deveria ser observada. As flores simples, como as gentes simples, devem ser vistas tais quais se apresentam e não devemos exigir delas o que não podem dar. Coletores de planta de todos os tempos ficavam extasiados diante do que viam nas matas e estas orquídeas que hoje são olhadas com pouco caso, merecem deles, páginas de verdadeiro entusiasmo. Há certas qualidades padrões que podem ser usadas, para determinar a extensão em que o auxílio visual é de valor na apreciação do que se olha. É preciso mais do que ver; é preciso observar (GROTA, 1958:99).

Se por um lado, os híbridos se tornaram a vanguarda da indústria de orquídeas; por outro, representavam a espoliação da nossa flora que lhe cedeu dezenas de exemplares ao comércio mundial por meio de uma rede de “caçadores” de orquídeas, intermediários e exploradores. Episódio resumido na imagem de um país “mudo como Jeca-Tatu, do conto simbólico de Monteiro Lobato, assuntando, espiando e nada a clamar” (Orquídea, 1941:180).

Na tese de alguns, sob a ótica de mercado: “tendo todas as vantagens naturais, ficamos a importar híbridas, quando, na realidade, nós é que as devíamos exportar”. Tais julgamentos eram amenizados quando argumentava-se que esse tipo de cultura poderia salvar espécies nativas do desaparecimento. Ou ainda, em considerações nas quais a hibridação era vista como desdobramento natural do amadorismo.

O cenário iniciado na década de 1930 colocou as orquídeas no centro de discussões científicas, políticas e do associativismo amador. As orquídeas, antes marcadas pelo estigma do azar, passaram a ser vistas como símbolos de nacionalidade, progresso científico e para a economia. No centro das atenções, as orquídeas, agora verdadeiramente nossas porque reconhecidas, passaram a mostrar que era possível e desejável colecionar o Brasil.

Referências bibliográficas:

- 2ª Exposição Nacional de Orquídeas. Orquídea, vol.06, n.02, dez., 1943, p.58-87.
A ponte de flores entre os povos americanos. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 24, jan., 1933, p.03.

Código Florestal Federal, Capítulo III – Da exploração das florestas, art. 30, Decreto nº 23.793 de 23 de janeiro de 1934.

Colaboradores de “Cultura Política” até o número 30. Cultura Política, Rio de Janeiro, vol.3, n.33, out., 1943, p.07-22.

Exposição de Flores Tropicais em Miami. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 24, fev., 1934, p.04.

Exposição Panamericana de Flores. Revista da Semana, Rio de Janeiro, 28, jan., 1933, p.27.

GROTA, A. S. Saber ver. Boletim da SBO, jul., vol.01, n.06, 1958, p.98-99.

HOEHNE, F. C. Algo sobre Orchidaceas. O Estado de São Paulo, São Paulo, 05, out., 1928, p.03.

HOEHNE, F. C. As Orchidaceas do Brasil, seu valor e sábio aproveitamento. Orquídea, vol.02, n.04, jun., 1940, p.152-171.

HOEHNE, F.C. Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências. São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925.

HOEHNE, F.C. O Mapa Fitofisionômico do Brasil. Relatório Anual do Departamento de Botânica referente a 1940, mar., 1941.

Notas sobre o comércio de orquídeas. Orquídea, vol.03, n.04, jun., 1941, p.180.

O comércio de orchideas nos Estados Unidos. Diário da Manhã, Vitória, 31, jan., 1937, p.0.

Orchideas Brasileiras premiadas em Miami. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 30, set., 1933.

PRAZERES, O. A exportação de orquídeas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12, mar., 1939, p.05.

PRAZERES, O. As orquídeas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27, set., 1935, p.05.

Protejamos as nossas espécies. Orquídea, vol.10, n.03, mar., 1948, p.99.

Regulando a exportação de orquídeas. Rodriguesia, Rio de Janeiro, ano 01, n.03, 1935, p.88.

REINNIKA, M.A.; ROMERO, G.A. A History of the Orchid. Portland: Timber Press, 1995.

SAMPAIO, A. J. de. Phytogeografia do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas. Orquídea, vol.01, n.04, jun., 1939, p.142-158.

SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas II. Orquídea, vol.02, n.01, set., 1939, p.20-32.

SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas III. Orquídea, v.02, n.02, dez., 1939, p.54-62.

SCHLECHTER, R. Contribuição ao conhecimento da flora orquidácea do Paraná Orchidaceae Hatschbachianae, Orquídea, vol.07, b.03, mar., 1945.

SECORD, A. Artisan Botany. In: JARDINE, N; SECORD, A; SPARY, C. Cultures of natural history. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p.378-393.

SILVA, Valéria Mara da. Educando homens para educar plantas: orquidofilia e ciência no Brasil (1937-1949). Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em História, Fafich/UFMG, 2013.

Sociedade Fluminense de Orquídeas. Orquídea, vol. 2, n.01, set., 1939, p.05.

Uma exposição de orchideas em Buenos Aires. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 20, out., 1936, p.05.

Artigo recebido em janeiro de 2016. Aprovado em abril de 2016